APM
Série: 11.2
Cx: 01
Doc: 32

1952/07/16

06 páginas escritas

CAMARA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE

Belo Horizonte, 16 de julho de 952.

Prezado senhor doutor João Gomes Teixeira,

Afetuosos abraços.

Se méritos tivesse esta noticia dos ex-Presidentes, diria que a escrevêra de parceria com o ilustre amigo.

Sêja como fôr, venho agradecer-lhe a ajuda e enviar-lhe uma cópia do que falei e o jornal que o noticiou.

Com elevado aprêço,

(Francelino Pereira Santos)

1.- Senhores, coube-me a honra de, em nome dos meus companheiros, manifestar o regozijo da Câmara pela inauguração dos retratos dos ex-presidentes do Consêlho de Belo Horizonte.

Não sei de instante de maior comoção na vida da Câmara, nem de tanta humildade do vereador que lhes fala.

Diante de tanta gente de bem, a nossa posição será a de respeito às penas impostas pela remissão dos nossos pecados e pelo alcance, ainda, de novas esperanças, sem as quais a nossa presença, nesta Casa, seria perturbadora à memória de Afonso Pena, de Levindo Ferreira Lopes, de Hugo Werneck e de Antônio Aleixo.

> "Não há dúvida- diz Pedro Rache em Homens de Minas - que é sempre muito difícil definir homens desaparecidos, valendo-nos apenas de seus escritos e das suas obras, por mais expressivos que sejam aqueles e por mais impressionantes que sejam estas" (1)

No caso de hoje, a dificuldade é de nos estarrecer os espíritos. Se não nos faltam as informações relativas aos Presidentes desaparecidos, fogem-nos, entretanto, a fisionomia de Minas que os acolhêra e o acesso aos Anais do Consêlho, cuja leitura teria o condão de nos iluminar os caminhos por êles percorridos.

Mas as impressões que dêles o povo recolheu por fôrça de seus sacrifícios confiados à gente mineira, nos oferecem a convicção de que a crônica de Minas os tem em inexcedível conta e a lenda tem para êles projeção mais elevada que a da história. O que demonstra a projeção real de todos êles.

2. - Afonso Pena foi a figura consular de Minas. Mineiro de Santa Bárbara, possuindo alarmante probidade, centro de uma família de cultura, de raça e de tradição, representa êle, no Brasil, a imagem melhor do homem de Minas, prêso a êsse grave senso das cousas de que tanto nos falou Raul Soares e de que, mais tarde, Gilberto Freire e Alceu de Amoroso Lima nos dariam límpida e fiel interpretação.

Foi um tirocínio imenso, o de Afonso Pena. Veio do Império. Várias vezes deputado. Três vezes Ministro. Senador e Presidente de Minas. Vice presidente e, afinal, Presidente da República. E, sobretudo, Presidente do Conselho Deliberativo, para onde fora convocado depois de percorrer os mais elevados postos de Minas e a que emprestou - segundo a crônica de seu tempo - "o valor de sua grande fôrça moral, caldeada num longo e luminoso passado" (2).

Não foi um cético, o Conselheiro, que outro título mais duradouro êle não teve. Era antes um realista, sem perder, um instante siquer, o alcance da cultura jurídica e social que adquiriu nas escolas de Minas e de São Paulo e que aprimorou no ensino da nossa Faculdade, fruto de seus esforços e menina de seus olhos.

Dizia êle que

"não se governa tendo só em vista a ciência, a execução de princípios abstratos" (3),

como a desaconselhar aquele marginalismo político, de cultura livresca, tendente a imitar o gentlemen inglês, ou o americano do Norte, mas distanciado da realidade social e conducente a êrros, não na formulação jurídica das leis, mas no apanhar o hábito sociál que deve forrar qualquer ordem legislativa no regime democrático.

Afonso Pena possuia, assim, o sentido exato da cousa pública, haurido nos repertórios de doutrinas, mas vinculado a êsse rumor das necessidades que traduz, pelas soluções postas, os bons e os maus Govêrnos

Ainda no Consêlho Deliberativo, presente aos horizontes da política municipal, Afonso Pena, Presidente de todos os Conselheiros, viveu, como sempre, a política de forma pura, traduzida, na ação prática, por amplas reformas de feições sociais.

Em todas as fases de sua vida, no Império ou na República, nos diferentes mandatos que exerceu, o Conselheiro das nossas homenagens de hoje foi sempre uma irrepreensível força de direção política e exerceu mesmo aquele poder pessoal inerente aos cidadãos de renome e semelhante - ouso dizer - ao poder moderador da Corôa.

3. - O Conselheiro têve, de Levindo Lopes, o Contato no tempo, a coincidência dos estudos de Direito em São Paulo e o acendrado amor pelas cousas de Minas. Ambos metódicos, Levindo menos guindado a postos eletivos e, consequentemente, mais identificado no labor forense, possuiam ambos a urbanidade dos mineiros e o senão da medida exata em que se assenta todo o patrimônio moral de Minas.

E Levindo Lopes não era mineiro, e aqui foi Chefe de Polícia, Presidente do Senado, Vice-Presidente de Minas e, sem menor sacrifício, membro do Consêlho local, em cuja presidência sucedeu a Afonso Pena e onde - segundo as notícias de seu tepo - "prestou a Belo Horizonte os maiores serviços" (4).

Canseiras mais intensas que as da política, viveu-as Levindo Lopes na cátedra de Direito Processual e nas pugnas forenses em que se notabilizou como jurisconsulto e advogado dos mais brilhantes de Minas.

Resta a seu renome, além de sua obra de político e de escritor de Direito, a cultura que do pai reviveu o dr. Américo Levindo Lopes, ex-Secretário do Interior de Minas, ex-deputado e hoje advogado dos mais cultos na Capital da República.

4. - O desaparecimento de Hugo Werneck foi irreparável desventura para gente mineira. Não era êle político, com êsse nosso jeito de perder horas a fio nas conversas em tôrno de circunstâncias e previsões de acontecimentos. Viveu, aliás, numa época em que as Assembléias se destinavam aos bacharéis, mais verbosos e impressionáveis nos debates. O próprio Consêlho Deliberativo, para onde se escolhêra sempre os homens bons a que se referia a legislação do Império, fôra até então presi-

dido e liderado por bachareis de renome. Crescia a êsse tempo o culto do bacharelismo, ornado em Minas por jurista de fama e desvirtuado, mais tarde, pelo país afora, em culto da bacharelice.

Foi, no entanto, em Belo Horizonte, o povo a não perder de vista o doutor Hugo Werneck, que se deu uma das primeiras rupturas nos hábitos dominantes. Di-lo melhor a crônica de seu tempo:

> "O seu conhecido amor à nossa Cidade fez com que o povo o elegêsse membro do Consêlho Deliberativo da Capital, cuja presidência ocupou, e onde foi da maior relevância o seu trabalho em bem do nosso progresso" (5).

Não sendo um político de raça, por isso que filho de cientista, exerceu o seu mandato pela política de fins sociais, a que se ajusta, com singular vantagem, o apostolado da ciência médica. Foi como médico, aliás, que a sua vida adquiriu ressonâncias de lenda. Não há em Minas uma família que um de seus membros, pelo menos, não tenha recebido os cuidados do saudoso carioca.

Não era mineiro, já se vê, nem possuia de Minas o jeito central da nossa gente. Ao longe, era a imagem do desafeito à intimidades. Firme e enérgico, de uma independência moral e de cultura como a de mais ninguém, Hugo Werneck, visto de perto, aproximado de nós todos, possuia o fulgor da palestra util e a fascinação que se desprende dos homens diferentes.

Era o médico perfeito, tanto mais que fez do seu sacerdócio, não um instrumento de técnica fria e muda, mas um culto de esperanças para os organismos desesperados. Jamais atendeu a seus clientes como o operário que repara qualquer cousa; emprestava-lhes a verdadeira, a antiga vocação da medicina que era uma espécie de culto, de magia (6).

Hugo Werneck era católico sereno e nunca lhe faltou o lado moral das cousas. O jornal de quando morreu, nos adianta que êle foi

> "... sempre decidido na defesa das prerrogativas do ensino, contra cujo falseamento êle sempre ergueu a sua opinião destemida em sinal de protesto" (7).

O falseamento a que se refere o jornal é, a meu ver, o ensino da ginecologia esterilizadora, contra o qual Hugo Werneck se empenhou como um bravo. É que aparecera aqui um ginecologista italiano a anunciar, pelos jornais, um processo secreto, inocente e facil (8) de esterilização da mulher. Aberto inquérito policial a respeito, Hugo Werneck depôs com energia e condenou o anunciado método de destruição das funções, falho de princípios e atentatório à moral. Mas o processo foi arquivado e as suas conclusões, contrárias às de Werneck, serviram de estímulo ao médico italiano, já então senhor de uma legião de discipulos. Perdida nêstes termos a batalha, restam a Hugo Werneck os consêlhos dos cientistas europeus, e os ouviu em documentos que di

vulgou em defesa de seu ponto de vista, hoje vitorioso.

Face a êsse episódio, creio não ser demais o considerar como o primeiro passo, em Minas, tendente a preservar os princípios morais de quando em vez sacrificados pela técnica da medicina e a servir de alerta à onda de perversões morais, inclusive as de baixo crime, que hoje campêa em Minas, desabaladamente.

Diante dêste relato, é de se concluir que Hugo Werneck, sempre em vida a dizer que "desejava retribuir a Minas o que Minas lhe concedêra" (saude), cumpria a sua missão de médico, de homem público e de apaixonado dos problemas mineiros.

5.- Antônio Aleixo fez prevalecer na Câmara a linhagem de trato e de nobrêza de Hugo Werneck. Era mineiro de bôa cêpa. Filho de Ouro Prêto, estudou na Baía, onde conheceu de perto o espírito da baianidade, semelhante em muito ao espírito mineiro, no condliar o que é pessoal no homem com o que é impessoal na vida pública (9). Professor e clínico de dermatologia, diretor da nossa Faculdade de Medicina, idealizador da rêde de leprozários de Minas, autor de obras científicas, quando faleceu Antônio Aleixo, já bem perto de nós (1943), a gente mineira se tomou de um certo pavôr ante a perda do sábio brasileiro. E o foi, sem dúvida. Não o sábio encastelado em suas digressoẽs científicas, mas, sobretudo, o sábio mais humano que intelectual, sensivel demais ao drama social que já então tumultuava a vida nacional.

Antônio Aleixo não foi homem de riquêzas. Nada era seu, porque tudo o que percebia se destinava aos pobres, e se mais não fez em favor da pobrêza foi porque, em sua vida, atendeu mil vêzes mais aos pobres que os ricos. Não obstante, agradava a todos, ricos e pobres, com a magia do seu sorriso trancado pela modéstia. Possuia os jestos e o encanto moral dos homens bons, e foi nesta condição que o povo o elegeu para a Câmara Municipal, a cujo mandato não se esquivou por pensar, afina, que, investido nêle, teria novas possibilidades de servir ao povo. Não obstante, era político, mas o foi com êsse interesse pelos destinos dos negócios públicos que a tão poucagente comove nos dias de hoje,

Antônio Aleixo era um Pedro mais adoçado, se de Pedro não tivesse mesmo o gôsto a todo instante de exaltar as liberdades. Nunca se fez com o hábito do pavoneio, que mineiro de paragem algums se faz com tão feios hábitos. Era mais sábio do que político, embora nos debates políticos jamais lhe faltassem a fôrça dos argumentos e o convencer das pessôas inteligntes. Levou êle a sua vida a dizer que "os mortos governam os vivos", sem imaginar siquer que depois de sua morte, novo morto passaria a governar os que vivemos.

6.- Á Hugo Werneck e Antônio Aleixo, aquêle de uma linha de jestos a tôda prova e Aleixo de uma semjeitêza não menos expressiva, excedem-se os traços comuns na vida pública e nas lutas da ciência médica destinadas a engrandecê-la e a socorrer os pobres. Hugo Werneck, Presidente

do Consêlho que a Revolução de 30 dissolveu; e Antônio Aleixo, Presidente da Câmara que o Estado Novo liquidou.

E foi mais adiante a história. O doutor Roberto Werneck, que herdou do pai as fôrças do espírito, integrou a Câmara cujas portas se trancaram em 37; e o doutor Herbert Aleixo, que conserva do pai o gôsto pela política, compôs a Câmara passada, de onde saiu deixando-lhe as portas abertas, as mesmas portas por onde entramos nós os Vereadores de hoje.

7.- Depois desta excursão pela província dos mortos, o tempo já não nos permite, no desalinho destas notícias, buscar considerações relativas à ausência da cultura intelectual na vida política e econômica, hoje a minar o país inteiro. Nem mesmo tempo nos sobra para colher os traços dominantes dos ex-Presidentes que nos ouvem.

Do remdo. Padre Cyr Assunção que mereceu a presidência da Câmara passada ao longo de todo o seu mandato, a revelar-se, assim, merecedor da confiança de seus companheiros de lutas e todos nós de Belo Horizonte.

Do doutor Antônio de Vasconcelos, de cuja presidência somos saudosistas, tão digno quanto os Presidentes mortos, dos quais se aproxima pelo acêrvo de cultura que adquiriu nas pelêjas forenses e pelo saber e a prática dos problemas sociais.

É êle um dos nossos pontos altos, possuindo sempre, na sua inexcedível modéstia, um lastro inconfessado de ideal de que não se demite em momento algum, sejam quais forem as seduçoes. Só tem é que êle não pensa alto, não por horror à verdade, mas por temer não ter fôrças para imitar os boquirrôtos, que outro nome a peste não tem.

Diante desta galeria, ao lado dos exemplos que ela nos revela, impõe-se igualmente à Câmara de hoje conduzir os nossos passos à semelhança do nosso ex-Presidente. Ou, mais precisamente, do doutor Antônio de Vasconcelos, ~~saudoso~~, probo e honesto ~~como mais ninguem~~ e que não padece dessa crise de santidade, de que há pouco nos falava o luminôso Bispo de Uberaba.

* * *

(1) "Homens de Minas", pag. 37, Pedro Rache.
(2) "Minas Gerais", de 14-15 de junho de 1909.
(3) "Ensaios Biográficos", pag. 315, Antônio Gontijo de Carvalho.
(4) "Minas Gerais", de 8-9 de agôsto de 1921.
(5) "Minas Gerais", de 20 de março de 1935.
(6) Entrevista do escritor Audiberti, "Lêtras e Artes", de abril de 1951.
(7) "Minas Gerais", de 20 de março de 1935.
(8) "Processo Secreto de Esterilização da Mulher", Imprensa Oficial, 1909, dr. Hugo F. Werneck.
(9) Gilberto Freire.

Em 15/7/52.